



Associação de Defesa do Património de Sintra

Boletim

2007 – 2008 – N.º 6 – 2ª Série





VINTE E CINCO ANOS A DEFENDER O PATRIMÓNIO DO CONCELHO DE SINTRA

Nesta edição dedicamos algumas páginas à Sessão Comemorativa do nosso 25º Aniversário. Foi um quarto de século de trabalho voluntário, por vezes árduo em que se entrelaçaram momentos de satisfação e outros de angústia.

Satisfação pelo Património que conseguimos salvar da ruína e pelo reconhecimento do nosso trabalho e de angústia face à incompreensão e insensibilidade dos que tendo ao seu alcance a preservação da nossa Herança Cultural não se debruçaram sobre a conservação do Património nas suas várias vertentes.

Não vamos desistir.

Vamos continuar de uma forma independente a trabalhar voluntariamente em prol da defesa e divulgação do variado e inestimável património do Concelho de Sintra



25º ANIVERSÁRIO

A ADPS - Associação de Defesa do Património de Sintra celebrou o seu 25º aniversário no dia 17 de Outubro de 2006, no Palácio Valenças, tendo presidido à abertura da sessão, o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Sintra, Dr. Fernando Seara.

Nesta sessão, os temas “O Ordenamento do Território e Desenvolvimento Sustentável”, “O Património Histórico de Aqualva Cacém, que Futuro?”, “Sintra e o Período Árabe” e “Arquitectura Saloia”, foram objecto de interessantes dissertações, respectivamente por: Eugénio Sequeira, Jorge Trigo, Adalberto Alves e Filipe Lopes.

Após debate, seguiu-se um intervalo e retomaram-se os trabalhos com os temas “No Rasto da História dos Locais e das Pessoas”, “Da Produção Vegetal Antiga e Moderna”, “Microclima de Sintra” e “Património Cultural: Um Tesouro à Nossa Guarda”, igualmente tratados com o maior interesse, respectivamente por: Ruy Oliveira, Gerald Luckhurst, Anthímio de Azevedo e Magalhães Ramalho.

Assistiu-se a autênticas lições sobre temática Sintriana.

Esta Associação agradece a colaboração de todos os oradores que gentilmente acederam ao convite para participar nesta sessão, tornando-a numa jornada cultural inesquecível e largamente apreciada por todos os que neste dia estiveram no Palácio Valenças.



1981

25 ANOS

2006

PALÁCIO VALENÇAS 17 DE OUTUBRO DE 2006

PROGRAMA

25º Aniversário da Associação de Defesa do Património de Sintra

Abertura

09.30

Dr. Fernando Seara

Presidente da Câmara Municipal de Sintra

Eng. Eugénio Sequeira - O Ordenamento do Território e Desenvolvimento Sustentável

Dr. Jorge Trigo - O Património Histórico de Aqualva Cacém, Que Futuro?

Debate

Dr. Adalberto Alves - Sintra e o Período Árabe

Arq. Filipe Lopes - Arquitectura Saloia

Debate

Período do Almoço

(13.00 - 14.30)

Dr. Ruy Oliveira - No Rasto da História dos Locais e das Pessoas

Arq. Gerald Luckhurst - Da Produção Vegetal, Antiga e Moderna

Debate

Dr. Anthímio de Azevedo - Microclima de Sintra

Professor Magalhães Ramalho - Património Cultural: Um Tesouro à Nossa Guarda

Debate

Encerramento

As comunicações do Dr. Jorge Trigo, Dr. Ruy Oliveira e Dr. Anthímio de Azevedo, relativas ao 25º Aniversário da ADPS, estão disponíveis no nosso *site*, <http://www.adps.web.pt/>, na secção Comunicados.



Aspecto da assistência



Da esquerda para a direita: José Manuel da Conceição, Adriana Jones, Dr. Adalberto Alves, Eng. Eugénio Sequeira, Dr Jorge Trigo e Eng. Isabel Rito.

Sessão do 25º aniversário da ADPS – Mesa de Honra
Orador: Dr. Jorge Trigo



Sessão do 25º aniversário da ADPS
Orador: Arq. Filipe Lopes



Sessão do 25º aniversário da ADPS
Orador: Dr. Anthímio de Azevedo

2007

Dia Mundial da Biodiversidade

22 de Maio de 2007

**ENCONTRO COM O DR. JOSÉ DE ALMEIDA FERNANDES
EM RECONHECIMENTO PELA SUA ACÇÃO EM PROL DO
AMBIENTE**



Associação de Defesa do Património de Sintra



Educador, Divulgador, Ecologista - Um Amigo da Serra de Sintra

A terra está doente! Desde há mais de 15 anos, diversas "crises mundiais" tem afligido os seus cidadãos: petróleo, sociais, seca e desertificação. Embora o planeta viva actualmente um período de crescimento espectacular e de profundas mudanças, 90% da população, num futuro mais ou menos próximo, nascerá nos países que são hoje os mais pobres.

A desflorestação (sobre-exploração e fogos), a poluição, as grandes deslocações de populações fugindo às secas, os acidentes nucleares, os cataclismos naturais, as campanhas de utilização de insecticidas e pesticidas de vida longa, as guerras, são fenómenos que ameaçam as estreitas regras da Natureza e seu funcionamento.

Resultam assim grandes perturbações ambientais.

Mas o que é o Ambiente? Para nós é tudo o que liga o passado ao presente e este ao futuro, que permitiu e garantiu o pulsar da vida sobre a Terra e permitiu ao próprio homem a sua permanência nela, de um modo cada vez mais organizado, num crescendo de solidariedade, no tempo e no espaço.

É urgente uma mudança, a começar por cada um de nós, pelos nossos sistemas de valores, políticos e económicos.

Daí a escolha dos investimentos e orientação das instituições, a ser determinadas em função simultaneamente das necessidades actuais e das futuras.

Que as gerações actuais não hipotéquem o futuro das gerações vindouras, tanto nos aspectos ambientais que condicionam o desenvolvimento, como o capital genético (com o desaparecimento de espécies animais, vegetais e microorganismos).

Há que reorientar as actividades humanas, mudar mentalidades, planear, governar, com sabedoria e menos egoísmo e mais justiça, mobilizar os cidadãos, incrementar a investigação científica e os sentidos de solidariedade, enfim educar.

O Homem, afinal, pode ser a medida de todas as coisas!

Excertos e resumo de ideias expressas na obra “Um Futuro para o Nosso Ambiente” da autoria do Dr. José de Almeida Fernandes a editar brevemente pela ADPS.



Da esquerda para a direita: Eng. Isabel Rito, Dr. José de Almeida Fernandes, Dra. Cândida Gonzalez e Arq. Reis Gomes.



Em primeiro plano à esquerda: Eng. Carlos Pimenta.

Alguns aspectos deste *Encontro*, num salão da Quinta das Sequóias, gentilmente cedido pela sua proprietária, para este evento.



Falar de Rio de Mouro

Rio de Mouro é um **lugar com história**. Com **memórias**.

Centro populacional na antiga estrada de Sintra tem uma origem remota como o próprio nome indica e que fala, dum certo modo, da sua alma.

Sujeito a profundas transformações, guarda, no entanto, alguns **vestígios** que importa conhecer e defender porque **só no passado encontramos a raiz da nossa identidade**.

Venha **conhecer** ou mesmo **contar-nos** o que sabe de Rio de Mouro, que visitaremos em conjunto.



Encontro-visita-debate promovido pela Junta de Freguesia de Rio de Mouro com a colaboração da Associação de Defesa do Património de Sintra (ADPS) e a Associação «Ofícios do Património e da Reabilitação Urbana» (OPRURB), a realizar no sábado dia 23 de Junho de 2007 pelas 10h00 - na Sede da Junta de Freguesia de Rio de Mouro - Largo do Registo Civil nº. 10 - Rio de Mouro (Velho).



Arq. Filipe Lopes.

Aspecto da sessão realizada no dia 23 de Junho
de 2007 - Junta de Freguesia de Rio de Mouro.



Filipe Lopes, Presidente da OPRURB, na Albergaria de Bolelas durante a visita promovida em conjunto com a ADPS.



Evocação de Figuras Nacionais Ligadas a Sintra

**Tude Martins de Sousa
Joaquim Vieira Natividade
Carlos Manuel Leitão Baeta Neves
Mário de Azevedo Gomes**



20 de Outubro de 2007

Palácio Valenças - Vila de Sintra

Inscrição Prévia

Entrada Livre

Programa

9h00 Distribuição de Pastas

Apresentação pelo Vice-Presidente da ADPS
José Manuel da Conceição
Sessão de Abertura pelo Presidente da Câmara
Municipal de Sintra
Dr. Fernando Seara
“As Árvores: Os Nossos Parceiros Silenciosos”
Prof. Magalhães Ramalho
“Algumas palavras”
Adriana Jones (Presidente da ADPS)
Cada Orador será apresentado pelo
Eng. Ernesto Alves Rafael

10h00 Tude Martins de Sousa

11h15 *Pausa para café*

11h30 Joaquim Vieira Natividade

13h00 *Intervalo para Almoço*

14h15 Apresentação da Peça
- *Árvores, Verdes Árvores* –
de Jaime Salazar Sampaio pelo Teatro
Independente de Loures

15h00 Carlos Manuel Leitão Baeta Neves

16h30 *Pausa para café*

16h45 Mário de Azevedo Gomes

19h00 Encerramento da Sessão
pelo Presidente da Assembleia Geral da ADPS
Eng. Ernesto Alves Rafael



Evocação de Figuras Nacionais Ligadas a Sintra

Carlos Manuel Leitão Baeta Neves

- 1 - O Professor e o Investigador
Dr. J. Almeida Fernandes
- 2 - O Ecologista
Prof. João Bugalho
- 3 - O Técnico e o Divulgador
Eng. José Neiva Vieira
- 4 - Testemunhos diversos



Evocação de Figuras Nacionais Ligadas a Sintra

Mário de Azevedo Gomes

- 1 - A Figura
Eng. Alberto Azevedo Gomes
- 2 - Professor e Cientista
Prof. A. Monteiro Alves
- 3 - Um Estudioso da Serra de Sintra
Prof. Fernando Estácio
- 4 - Evocação da Acção Cívica e
Protecção da Natureza
Prof. Eugénio Sequeira
- 5 - Testemunhos diversos

**Associação de Defesa do Património de
Sintra
Apartado 1017, 2711-801 SINTRA Vila
www.adps.web.pt**



Evocação de Figuras Nacionais Ligadas a Sintra

Tude Martins de Sousa

- 1 - Um Alentejano Apaixonado
pelo Gerês
Dr. Henrique Barreto Nunes
- 2 - A Floresta da Serra de Sintra
Eng. Rui Queiroz
- 3 - História da Paisagem Sintrense
Arq. Gerald Luckhurst



Evocação de Figuras Nacionais Ligadas a Sintra

Joaquim Vieira Natividade

- 1 - O Homem e a sua Cultura
Eng. António Ramos Guerra
- 2 - J. Vieira Natividade, a Família
e o Mosteiro de Alcobaça
Eng. José Pedro Duarte Tavares
- 3 - Um Mestre da Fruticultura
Nacional
Eng. João Saldanha
- 4 - Glória das Ciências Arbóreas
Eng. Silva Carvalho
- 5 - Viticultura e Fruticultura de
Colares
Eng. Vicente Paulo
- 6 - Testemunhos diversos



**TEATRO
INDEPENDENTE DE
LOURES**

Apresenta

Árvores, Verdes Árvores

de

Jaime Salazar Sampaio



na

Evocação de Figuras Nacionais Ligadas a Sintra

Palácio Valenças
20 de Outubro de 2007

Organização

ADPS – Associação de Defesa do Património de Sintra

As fotografias e demais comunicados relativos à “Evocação de Figuras Nacionais Ligadas a Sintra” estão no nosso *site* <http://www.adps.web.pt/>, na secção Actividades.

ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO PATRIMÓNIO DE SINTRA
EVOCAÇÃO DE FIGURAS NACIONAIS LIGADAS A SINTRA*

MÁRIO DE AZEVEDO GOMES
PROFESSOR E CIENTISTA

António Monteiro Alves

1. Como noutra ocasião tive oportunidade de escrever:

“ Mário de Azevedo Gomes (1885-1965) é um nome de relevo e incontornável da vida universitária agronómica e florestal, do sector da Agricultura em geral, mas também da vida social e política portuguesa do século XX” [1]

Foi, de facto, um dos principais nomes da plêiade de notáveis professores que ensinaram no Instituto Superior de Agronomia na primeira metade do século. E, entre estes, dos primeiros que, após a licenciatura no antigo Instituto de Medicina Veterinária (1907), deu início (1914) à carreira académica, já nesta nova instituição criada pela reforma do ensino superior técnico, a seguir à instituição da República. E para além disso, foi uma figura prestigiada que ultrapassou os limites da actividade académica estrita, projectando-se como técnico e cientista a um alto nível nacional, sempre interventor nas problemáticas do desenvolvimento da Agricultura e, como cidadão atento e responsável, participante activo na acção política no País.

* Palácio Valenças, Vila de Sintra, em 20 e Outubro de 2007

2. Nesta curta intervenção, não sendo comportável uma apresentação extensiva do percurso histórico do professor e cientista Mário de Azevedo Gomes, com descrição desenvolvida dos seus trabalhos e das suas actividades, vou privilegiar uma abordagem que se centra no destaque do que julgo serem alguns dos traços essenciais da sua vida e obra, através de referências sintéticas em quatro domínios de observação:

- 1) o daquilo que foi o núcleo central, a perspectiva mais inovadora e de maior evidência da sua formação como homem de ciência e de professor
- 2) o do papel que desde cedo deu à importância da investigação para as ciências agrárias
- 3) o da preocupação pelos problemas do desenvolvimento da Agricultura e do papel dos seus profissionais
- 4) o da perspectiva do professor e do pedagogo

A carreira científica do Prof. Mário de Azevedo Gomes, centrada na sua formação básica em biologia, na aplicação às ciências agrárias, alarga-se por áreas diversificadas, incluindo a economia. Mas é essencialmente naquele domínio que se destaca por uma abordagem marcadamente diferente e inovadora, para essa época, em termos nacionais. E o grande exemplo dessa atitude científica, é, logo no início, a tese apresentada a concurso, já em 1908, para o lugar de professor técnico da Escola Nacional de Agricultura de Coimbra, “*A Physiologia Vegetal nas suas relações com a Agronomia*” [2]. A leitura deste texto pode ser ainda hoje ilustrativa, sobretudo quando se recorda a questão da importância relativa concedida na formação dos agrónomos das áreas da Botânica, entre a identificação e morfologia das plantas e a fisiologia vegetal, só verdadeiramente resolvida depois dos anos 1950. Para além da actualização dos conceitos apresentados, com a revelação dum conhecimento ímpar dos autores internacionais desse tempo, mais relevantes na matéria, e da clareza do desenvolvimento é, para época, decisiva a argumentação. Justifica-se transcrever:

“É assim que, debaixo deste ponto de vista da produção, o estudo morfológico tem quase exclusivamente valor como subsídio para a compreensão dos fenómenos vitais, porque o que imediatamente interessa é o estudo fisiológico, porque o que nós queremos é que a planta viva, se desenvolva e produza, e o que nós precisamos de saber é como ella vive, como se desenvolve e em que condições precisa estar, com relação ao meio, para produzir”

Estes entendimento e atitude vai perpassar por toda a sua actividade e em toda a obra deixada, caracterizando-a mesmo. Não apenas na faceta desta defesa do destaque central da vertente da Fisiologia, mas também, se repararmos bem, como noutras situações futuras é evidenciado, na percepção duma vertente de Ecologia, ainda mais rara no início do século XX. E isto é assim, por mais de 40 anos, quer longamente na cátedra de Silvicultura, desde pelo menos 1917, ano em que ascendeu a Professor Ordinário, quer também como Professor de Biologia Geral, em 1915, e de Botânica, a seguir à jubilação do Prof. D. António Xavier Pereira Coutinho, em 1922. E o mesmo acontece com a obra escrita que nos legou. E até nas lições, em área muito distinta, como foi a da disciplina de *Agricultura Comparada e História da Agricultura*, que regeu durante algum tempo, se evidencia esta propensão para o entendimento dum fenómeno global não apenas económico, mas que tinha a ver com um sentido ecológico-geográfico

É no entanto nas suas *Lições de Silvicultura*, publicadas pela primeira vez em 1940, e posteriormente integradas na colecção “A Terra e o Homem”, que vamos encontrar a concretização e a demonstração perfeitas destas suas concepções. Não sendo umas lições exclusivamente de técnicas ou de práticas de Silvicultura, crítica que alguns mais desatentos lhe faziam, são mais do que isso, e antes, a integração, de nível universitário, e a um elevado grau de consequência, dos conhecimentos científicos básicos, nomeadamente de Fisiologia Vegetal, num quadro de entendimento ecológico e de explicação do funcionamento dos processos produtivos intrínsecos.

Como então escreveu:

”É conceito fundamental em fisiologia a dependência em que se encontra o ser vivo para com o meio em que vive; para um vegetal de pronunciada longevidade como é a árvore florestal, sujeito mais de qualquer outro a todas as contingências mesológicas, compreende-se bem quanto podem importar ao respectivo funcionamento as influências externas e quanto o próprio crescimento, a expressão útil do equilíbrio funcional, deve estar sujeito às mesmas influências” [3].

Isto que parece hoje a própria evidência, não o era assim há 50 anos atrás..

A maioria dos seus trabalhos publicados, no domínio mais específico da Silvicultura, que incluem a monumental *“Monografia do Parque da Pena”* [4], de 1960, contém substancialmente e antecipam uma mesma concepção integrada, que ciências emergentes como a ciência do solo e, dum modo geral, as do conhecimento do meio, como a climatologia, vieram consolidar. Os muitos artigos de estudo de essências florestais, em parte sob o título de série, “Estudos Dendrológicos”, tinham a característica comum de serem estudos de carácter ecológico-cultural, não exclusivamente botânico.

3. A sua percepção do tempo e da evolução da ciência, levou-o, desde muito cedo, a perceber e a dar importância à faceta da investigação e a indissociá-la das tarefas do ensino do professor universitário. Deve-se-lhe, logo em época inicial, uma proposta de criação dum “Laboratório de Fisiologia Vegetal”, que veio a perder-se, mas mais tarde é da sua responsabilidade a criação do “Laboratório de Tecnologia Florestal”. E porque é pouco divulgado, lembre-se que foi aqui que os primeiros trabalhos explicativos do funcionamento do processo da formação da cortiça nas suas bases fisiológicas, antes da investigação posterior devida ao Prof. Vieira Natividade, foram com êxito efectuados.

Neste sentido da visão do papel do professor-investigador, deve registar-se a sua intervenção na criação e actuação da *Estação Agrária Central*, em cuja direcção estava na altura desta ser extinta, em 1936. Instituição de curta vida, mas de grata memória, pela sua concepção, em que se procurava associar os professores universitários à realização da investigação agrária a cargo da Administração Pública do sector da Agricultura. O Professor Filipe de Figueiredo, em 1926, por ocasião duma conferência [5] sobre o solo agrícola nas suas relações com o clima e a propósito das carências da investigação neste domínio, classificou esta sua intervenção de *“Iniciativa inteligente do Prof. Mário de Azevedo Gomes”*. Ela teve muito a ver com a experiência das Estações de Experimentação americanas, que tinham sido objecto duma célebre visita de estudo ao Estados Unidos, em missão promovida pelo ISA, a cargo dos Professores Azevedo Gomes e Ruy Mayer.

O Prof. Mário de Azevedo Gomes é assim, claramente, um professor universitário e cientista inserido na realidade da Agricultura Portuguesa e no interesse em resolver os seus problemas. Não o professor distanciado numa cátedra longínqua.

Mas como o acentuou o Prof. António Manuel de Azevedo Gomes, seu filho, em texto laudatório:

“numa vida projectada embora para além da Escola perdurou sempre, como traço essencial, a condição de Professor” [6].

Esta sua ligação à Estação Agrária Central, teve a ver com as funções que, desde cedo, exerceu no Ministério da Agricultura, desde Chefe de Repartição do Ensino Agrícola a Director-Geral do Ensino e Fomento e, durante um curto período de tempo, Ministro de Agricultura.

Numa carta dirigida pelo Conselho Escolar do ISA ao Prof. Azevedo Gomes, assinada pelo Director Manuel de Sousa da Câmara, aquando da sua saída dum daqueles cargos, escrevia-se:

“ o seu nome ficará para sempre gravado, em letras de ouro, nos fastos agronómicos e bem merecerá de todos nós a maior admiração e o eterno agradecimento ”

4. Mas igualmente, ao lembrarmos a sua visão alargada do papel do professor, e para além do domínio da sua intervenção política, que aliás faz parte integrante desse mesmo sentido ou obrigação como cidadão, e onde exerceu papel de relevo com consequências e prejuízos profissionais e pessoais elevados –exemplo de fibra de carácter -, devemos referir duas facetas das suas preocupações: no domínio da definição do papel dos licenciados pelo ISA e os seus trabalhos no âmbito de estudos económicos ligados à Agricultura.

Em relação ao primeiro, é representativa a conferência sobre a *“a função social do agrónomo na actualidade. O caso português* [7], realizada no IST, em 1932, com larga repercussão. Foi, se não um plano para o desenvolvimento da agricultura, um enunciado vasto dos princípios a que este devia obedecer e do papel dos técnicos universitários que nele deviam desempenhar.

Respirem-se alguns excertos:

“A Agricultura portuguesa... carece de directrizes que a integrem num plano geral de fomento ... que saiba distinguir o essencial do acessório ... este plano

implica, antes de mais, a perfeita integração da nossa agricultura nas condições mesológicas que lhe couberam em sorte, ... e define-se economicamente, nesta parte, pela valorização da flora e da fauna cultiváveis que nos são próprias, pela expansão de determinados aspectos culturais em detrimento de outros, pela fixação de cada cultura nos locais onde lhe seja possível tirar dela rendimento... Exclui este plano, por isso mesmo, a manutenção, que não seja a título muito transitório, dos artificios económicos que são ainda tão característicos da nossa actividade”.

Em relação ao segundo aspecto, destaco o estudo sobre a “*Evolução da Agricultura Portuguesa entre as duas guerras mundiais*”[8], realizado em colaboração com Henrique de Barros e Eugénio de Castro Caldas, editado na Revista do Centro de Estudos Económicos (INE), em 1945, e que se tornou num trabalho de frequente consulta, durante muitos anos, por todos os interessados na posição da Agricultura portuguesa. Já anteriormente, em outros trabalhos, como “*A Situação Económica da Agricultura Portuguesa*” [9], relatório apresentado à “Conferência da Paz”, em 1920, se destacara a dar conta das suas ideias quanto aos problemas do desenvolvimento da Agricultura.

A este respeito, da sua deriva de economista agrário, vale a pena referir algumas frases devidas a Henrique de Barros [10] sobre a personalidade do seu colega mais velho e amigo Mário de Azevedo Gomes, que sendo, como diz, um “*cientista essencialmente voltado para as interpretações da biologia ... sempre se interessou pelos problemas económicos*”, “*ansioso por saber como seria possível trasladar para a vida, concretizar em acções positivas e exequíveis os estudos doutrinários, as especulações filosofantes e as investigações dos economistas*”.

5. Nestes breves comentários sobre uma figura tão completa como a do Prof. Mário de Azevedo Gomes, não pode ultrapassar-se sem o destaque que lhe é devido o quadro da sua acção pedagógica. Aqueles que ainda conheceram Mário de Azevedo Gomes como professor não esquecem a figura austera, fisicamente bem característica, com a sua barba à maneira dos intelectuais da época, que entrava na sala de aula e, sem interrupção, passeando, com cadência certa, dum lado ao outro da sala, à frente da

primeira fila de alunos, conduzia a exposição de forma a manter o interesse dos ouvintes durante todo o tempo. É que a exposição não relevava apenas a citação e explicação dos conceitos e de seu próprio eventual interesse, mas do seu relacionamento com outros conceitos, nos aspectos teóricos e de aplicação prática. Ele próprio escreveu um dia:

“Quanto à orientação (do leccionamento)... é ella a que deve seguir-se no ensino de todas as sciências de aplicação, pondo-se ao lado de cada conhecimento que se proporciona, a noção tanto quanto possível precisa, da sua utilidade e do seu valor” [3]

A este respeito o Professor Carlos Baeta Neves, em referência aos seus escritos, o que é igualmente aplicável à sua oralidade, também escreveu:

“A forma como nos apresenta o assunto mais difficil ... é sempre através de um raciocínio de tal maneira lógico que não só nos convence como entusiasma; chega-se a sentir que o autor se deliciava com o prazer de tornar intuitivas as coisas difíceis, de encontrar maneiras novas de transmitir ao seu público de forma acessível, traduzida muitas vezes em analogias imprevistas mas sempre de invulgar interesse didáctico, uma qualquer ideia por mais complexa e intrincada que ela fosse” [11]

Exemplo ainda das preocupações pedagógicas, ajustadas à sua própria formação cultural, devem referir-se as célebres “Cartas a um discípulo”, a primeira, em 1919, continuadas pelas “Cartas a um Aluno”, publicadas de 1934 a 1939, no AGROS, a Revista dos Estudantes de Agronomia, na qual aliás foi dos colaboradores mais assíduos, a pedido dos próprios alunos, cartas nas quais desenvolveu temas os mais diversos, desde o como estudar e para que estudar (resposta à questão do “ficar ou não ficar aprovado” ou do “ficar ou não sabendo”) à justificação dos objectivos dos relatórios finais e ao método da sua elaboração.

Torna-se inevitável, e seria imperdoável, dado o local onde nos encontramos e o objectivo deste encontro, também não lembrar o que representava igualmente, neste sentido, o estágio de estudo no Parque da Pena em Sintra, como melhor exemplo de ensino com componente prática e que o Prof. Azevedo Gomes concebeu, dirigiu e

acompanhou, mesmo quando afastado do ensino por razões que lhe foram impostas, e mesmo após a sua reforma. Eram alguns dias de trabalho intensivo na identificação e classificação das essências florestais, não apenas em termos botânicos estritos mas no enquadramento do seu interesse cultural, que terminariam por um exame. Todos aqueles que por aí passaram, e tenho-o comprovado inúmeras vezes na minha vida académica, no contacto com tantos ex-alunos, todos recordam esses dias com real apreço pela aprendizagem feita e os bons momentos de juventude aí passados.

6. E por mim, também, a terminar com esta referência de boa memória, recordo não apenas os dias que ali estive como aluno, e que talvez em muito tenham contribuído para a orientação que segui na orientação da profissão, mas igualmente recordo os momentos vividos mais tarde, a partir de 1960, aí como interveniente no ensino da cadeira onde ainda acompanhei (forma de dizer, pois nem sequer, em termos físicos, a subir a serra à nossa frente, se poderia dizer que alguém o acompanhava!), algumas vezes, o Prof. Azevedo Gomes.

CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Monteiro Alves, A.A. 2005 *Mário de Azevedo Gomes – Um Professor de Carácter*. Revista de Ciências Agrárias, vol.XXXVI, nº1. pp.594-602
- [2] Azevedo Gomes, Mário de 1908 *A Physiologia Vegetal nas suas relações com a Agronomia*. Instituto Geral das Artes Gráficas, Rua das Pretas, 17, Lisboa
- [3] Azevedo Gomes, Mário de 1940 *Lições de Silvicultura*. I.S. de Agronomia., Gráfica Lisbonense, Lisboa// 1947 *Silvicultura*. Col. “A Terra e o Homem”, Livr. Sá da Costa, Lisboa
- [4] Azevedo Gomes, Mário de 1960 *Monografia do Parque da Pena*. Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas. Lisboa
- [5] Figueiredo, Filipe de Almeida 1929 *Questões Agrícolas e Agronómicas*. Typ.Castro Irmão, Lisboa
- [6] Azevedo Gomes, António M. 1967 *Mário de Azevedo Gomes: evocação de um Professor através dos seus escritos*.
- [7] Azevedo Gomes, Mário de 1932 *A Função Social do Agrónomo na Actualidade. O Caso Português*. Separata do volume “Conferências realizadas no ano lectivo 1931-1932”, no Instituto Superior Técnico.
- [8] Azevedo Gomes, Mário de, Barros, Henrique de e Castro Caldas, Eugénio de 1945 *A Evolução da Agricultura Portuguesa entre as Duas Guerras Mundiais*. Revista do Centro de Estudos Económicos
- [9] Azevedo Gomes, Mário de 1920 *A Situação Económica da Agricultura Portuguesa*. Conferência da Paz, Instituto Superior de Comércio, Lisboa
- [10] Barros, Henrique de 1965 *Professor Mário d’Azevedo Gomes. Contribuição para uma Biografia*. Edição do autor, Lisboa
- [11] Baeta Neves, C.M. 1967 *O Professor Azevedo Gomes e a Investigação Florestal*. Agros, nº 1-2

Evocação de Figuras Nacionais Ligadas a Sintra

Memorando

Em 20 de Outubro de 2007, a ADPS-Associação de Defesa do Património de Sintra, promoveu e realizou um colóquio, tendo presidido á sessão o Presidente da Câmara de Sintra, Sr. Dr. Fernando Seara.

Após a distribuição das pastas contendo o resumo das comunicações, a Presidente da Direcção da ADPS, D.Adriana Jones, dirigiu aos presentes algumas palavras breves.

O Dr. Fernando Seara referiu-se a alguns aspectos relativos aos Evocados, com particular ênfase a Mário de Azevedo Gomes.

Apresentou os oradores convidados o Presidente da Mesa da Assembleia-geral da ADPS, Eng. Ernesto Alves Rafael. Aqueles haviam sido escolhidos tendo em conta o facto de as figuras evocadas serem ímpares da vida portuguesa do Século xx, principalmente conotadas com o ambiente, o revestimento arbóreo, o ensino, investigação e divulgação do conhecimento e que, pelas suas qualidades profissionais e pessoais, muito se distinguiram. A grande maioria deles esteve aliás muito ligada a Sintra. Além de Mário de Azevedo Gomes, foram lembrados Carlos Manuel Leitão Baeta Neves, Joaquim Vieira da Natividade e Tude Martins de Sousa.

Num preâmbulo, falou em primeiro lugar o Dr. Miguel Marques de Magalhães Ramalho, Geólogo, ex. Presidente da Liga para Protecção da Natureza, um dos Autores do Livro Branco do Ambiente(1991) e Director actual do INETI. Dissertou sobre o tema “ As Árvores: Os Nossos Parceiros Silenciosos “, que concedem benefícios inapreciáveis como, por exemplo, regulação climática, fornecimento de matérias-primas e alimentos diversos e ainda fonte de prazer estético e de lazer. Disse ainda que é imperioso desenvolver junto da população, em especial nas crianças, nos decisores políticos, o respeito pelas árvores, um património insubstituível que todos devem defender.

O primeiro dos evocados **Tude Martins de Sousa**, diplomado com o Curso da Escola Agrícola de Coimbra, foi colocado em 1904 nos Serviços de Arborização Serra do Gerês, região onde viveu e trabalhou 11 anos. Dedicou-se aí também ao estudo da História, Arqueologia e Etnografia dos povos do Gerês. Publicou mais de 50 artigos em revistas e jornais e 3 livros sobre o tema, os quais foram objecto de análise na comunicação feita pelo Dr. Henrique Barreto Nunes. O conferente tem actividades no âmbito de história, bibliotecas de carácter universitário e é um entusiasta ligado a causas ambientais, incluindo o Gerês. O título deste primeiro tema foi «Um Alentejano Apaixonado pelo Gerês».

O segundo tema foi desenvolvido pelo Eng. Silvicultor Rui Queiroz que aceitou discorrer sobre a «Floresta de Sintra», zona de residência da maior parte da vida de Tude de Sousa.

Rui Queiroz que tem desenvolvido a sua actividade profissional nos sectores de Ordenamento e Gestão Florestal, Parques e Reservas e na Administração Florestal de Sintra, fez, na sua comunicação, uma descrição geológica, orográfica climática, pedológica e biótica da Serra de Sintra e do seu povoamento humano. Historiou o povoamento vegetal com 901 espécies autóctones e 7 endemismos. Na vegetação originária, incluíam-se os carvalhos negrais e cerquinho, o sobreiro e diversa vegetação arbustiva e herbácea. Descreveu também a introdução de espécies exóticas da América do Sul, África e Oceânia e rearborização com pinheiro bravo e manso e cedro do Buçaco. Como infestantes invasoras, após incêndios, merecem realce a acácia, o eucalipto, árvore do incenso e pinheiro manso. Toda a exposição foi amplamente documentada com projecções fotográficas.

Finalizando as comunicações respeitantes a Tude de Sousa, o Arq Gerald Luckhurst dissertou sobre o percurso de Tude de Sousa, especialmente em Sintra, com o título «História da Paisagem Sintrense». Gerald Luckhurst teve longa actividade profissional em Inglaterra e EUA com especial relevância á jardinagem, desenvolveu diversos estudos sobre a história da paisagem sintrense e um ante-projecto dum parque público para a Câmara de Sintra.

Tude de Sousa faleceu cedo, em 1951 e por isso, hoje, poucos o conheceram. De origem rural, foi um carácter probo, honesto, bondoso, disciplinado e disciplinador.

Foi Director durante muitos anos da Colónia Penal de Sintra onde realizou obra notável. Notáveis foram também os livros «Mosteiro, Palácio e Parque da Pena da Serra de Sintra», «Mosteiro e Quinta da Penha Longa da Serra de Sintra» e outros.

Seguiu-se a evocação de **Joaquim Vieira da Natividade**. Iniciou-a o Eng. Agrícola António Ramos Guerra com o tema «O Homem e a sua Cultura». Com residência em Alcobaça e desde sempre ligado á família de Vieira da Natividade e ao seu acervo literário e pessoal, é um emérito fotógrafo amador e participou no filme “Três homens e um sobreiro em que uma das personalidades foi Vieira da Natividade; António Guerra tem estado muito ligado à área profissional da fruticultura. Discorreu sobre o perfil humano do evocado e sua família e sobre a sua actividade multifacetada que se distinguiu no âmbito das Ciências, Agricultura, Epistolar, como Agrónomo e Silvicultor; foi técnico, agricultor, investigador, dirigente, e muito se ocupou da agricultura portuguesa, tendo publicado, em 1950 uma obra monumental: o livro “A Subericultura”, ainda hoje imprescindível. Foi membro de diversas Sociedades Nacionais, entre elas a Academia das Ciências e a actual Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal. Escreveu sobre fruticultura, espécies florestais e jardinagem. Era brilhante na escrita e na palavra. Foi louvado pelo governo e condecorado pelo Presidente da República.

O segundo tema foi da autoria do Eng. Civil José Pedro Duarte Tavares que desenvolveu o título «A Família e o Mosteiro de Alcobaça». O Eng. Pedro Tavares foi indicado pela Câmara Municipal de Alcobaça, tendo casa nesta Vila. Muito ligado á área universitária e de projectos, do património e de consultoria, é autor de diversos trabalhos no domínio do génio civil cisterciense e da hidráulica monástica.

No decorrer do tema, amplamente ilustrado com documentação fotográfica, referiu que o conjunto monumental do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, nos seus 6 séculos e meio de criação e de domínio cisterciense, passou por inúmeras fases construtivas, estilos arquitectónicos, modos e usos distintos e albergou diversas actividades

Seguiu-se no uso da palavra, o Eng. Agrónomo João Vicente de Saldanha de Oliveira e Sousa que discorreu sobre o título «Um Mestre da Fruticultura Nacional». O evocado, como Chefe de Departamento de Pomologia da Estação Agronómica Nacional, dirigiu o Empreendimento Fruticultura do II Plano de Fomento, em que levou os seus colaboradores a contactar diariamente com a realidade frutícola da zona de Alcobaça em que visitaram inúmeros agricultores e pomares, instalaram pomares de estudo e demonstração, não só na região como noutras zonas do país. Resultou daí elevadíssimo grau de bons resultados e a grande adesão dos actuais e novos fruticultores e a criação do Centro Nacional de Estudos e de Fomento da Fruticultura.

João Saldanha iniciou a sua actividade profissional como técnico do II Plano de Fomento de Fruticultura, na região do Oeste e posteriormente na brigada técnica da X Região, em Santarém para promoção da Fruticultura de Pomoideas e Prunoideas, no Ribatejo e ainda a olivicultura; foi ainda professor na Escola Agrária de Santarém e Director da Estação Nacional de Fruticultura Vieira Natividade, instituição que evoluiu das anteriores. É ainda agricultor e presidente de diversas instituições, em regime de voluntariado.

O Eng. Silvicultor José da Silva Carvalho, apresentou seguidamente o tema «Glória das Ciências Arbóreas». Para além da pomologia, a actividade de Vieira Natividade não é menor no domínio florestal, com ênfase especial á subericultura, após a fundação da EFS (Estação Florestal do Sobreiro) que dirigiu de 1930 a 1950 e em que esclareceu as causas das grandes variações da qualidade das cortiças. Criou ainda o Laboratório de Tecnologia Florestal onde se desenvolveu o estudo das cortiças e lenhos e cascas de não-quercíneas.

Silva Carvalho, estreito colaborador de Vieira Natividade, desenvolveu diversos estudos no âmbito de pastas alcalinas de *Cupressus lusitânica* Miller (Cedro do Buçaco), *Pinus pinaster* (Pinheiro Bravo), *Eucalyptus saligna* (Eucalipto de elevado rendimento florestal) e outros, efectuados na Universidade de S. Paulo (1951-54). Regressou a Alcobaça (1956) retornando aos estudos de celulose papeleira, com passagem por uma post- graduação nos EUA (1957-59). Continuou os estudos de

pastas e também de resinas, óleos essenciais, taninos e química da cortiça e ainda muitos outros, mesmo após a sua aposentação.

Finalizando o item Vieira Natividade, teve lugar a exposição do Eng. Agrícola José António Vicente Paulo, com o tema «Viticultura e Fruticultura de Colares». José Vicente Paulo tem um Mestrado em Economia Agrária e Sociologia Rural e iniciou uma tese de doutoramento em Ciências Agronómicas, sobre influência da rega da vinha, sobre a eco-fisiologia da videira e a qualidade do vinho. Foi responsável por vários projectos de investimento, Proagri, Agris, Agro. É viticultor, fruticultor, profissional liberal e director executivo da Adega Regional de Colares, CRL. No desenvolvimento do assunto a que se propôs, Vicente Paulo apresentou diversos dados com particular destaque para o período em que viveu Joaquim Vieira da Natividade, no âmbito da fruticultura e da viticultura, em Sintra, tendo em conta o impacto cultural, social, político, paisagístico, económico e financeiro. Apresentou alguns trilhos para o futuro, com ênfase á pereira e vinha e outras frutícolas.

Após o intervalo para o almoço, o dramaturgo e Eng. Silvicultor Jaime Salazar Sampaio e o Teatro Independente de Loures representaram a peça - «Árvores, Verdes Árvores», peça de fácil leitura e muito a propósito dos temas do dia.

Deu-se início então á sessão correspondente a **Carlos Manuel Leitão Baeta Neves**, Eng. Silvicultor, técnico, investigador, divulgador e professor catedrático no Instituto Superior de Agronomia. Publicou cerca de 850 artigos em jornais e revistas e na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Foi extensa e variada a sua actividade profissional, na chefia nas áreas de produtos armazenados, florestais, caça e fogos florestais; participou em inúmeros Congressos e Simpósios, nos domínios da Entomologia, Ecologia e luta Biológica. Era um palestrante emérito; fundou com outros e, sob sua proposta, a Liga Nacional para a Protecção da Natureza de que foi Director/Presidente e membro do respectivo Conselho Técnico. Publicou cerca de 200 trabalhos científicos, no âmbito da Dendrologia, Entomologia, Protecção da Natureza, da caça e caçadores, da fauna do solo, da natureza e da humanidade em perigo; foi galardoado com o prémio Goethe, destinado a quem mais se distinguisse na Defesa da Natureza e da Paisagem, na Europa. No ensino, regeu as cadeiras de Parques e Reservas e da Protecção Florestal, Entomologia e de Aquicultura e Cinegética.

O Dr. José de Almeida Fernandes apresentou o 1º tema, sob o título «O Professor e Investigador». Foi um directo colaborador de Baeta Neves desde o início da sua carreira. Biólogo e Entomólogo dedicou-se também ao ensino (liceal e universitário) e á escrita. Muito preocupado com questões ambientais, foi ainda sócio fundador e professor do Instituto Piaget. É Comendador da Ordem de Mérito e, entre outros, membro do Bureau da Federação de Parques Naturais da Europa. .

Em seguida, o Prof. João Bugalho dissertou sobre o tema «O Ecologista». É Eng. Silvicultor e um ilustre especialista em Ecologia, especialmente nas áreas da caça e fogos, ensinou no ISA-UTL (Instituto Superior de Agronomia – Universidade Técnica de Lisboa). Foi um dos fundadores do Centro de Ecologia Aplicada Professor Baeta Neves em 1995. Desde 1998, dedica-se intensamente á pintura artística. A sua palestra, acompanhada de projecções fotográficas, centrou-se na posição pioneira do evocado, como Ecologista brilhante que antecipou no ISA, a visão de que a agricultura verde poderia ser perigosa para o ambiente e, por outro lado, para o perigo da aplicação excessiva de insecticidas. Iniciou no ISA, o ensino da Cinegética, da Aquicultura e da Conservação dos Recursos Naturais, numa perspectiva de integração de conhecimentos. Influenciou pelo seu dinamismo e vontade de divulgar e aprofundar o conhecimento de numerosas áreas e com isso deixou verdadeiros discípulos, alguns agora no Centro de Ecologia Aplicada, com o seu nome, onde se realizam numerosos trabalhos de investigação e divulgação.

Por ultimo, a comunicação do Eng. Silvicultor José Neiva Vieira, intitulada «O Técnico e Divulgador», na qual historiou aprofundadamente a bibliografia técnica e divulgadora de Baeta Neves. O conferencista é Assessor Principal na Direcção Geral de Recursos Florestais. É uma personalidade muito diversificada e empenhada nas suas realizações: Florestal, Formação, Reuniões Técnicas, Exposições Bibliográficas. É um coleccionador, palestrante e autor de grande qualidade. A sua «coleção florestal» inclui aspectos tais como cartazes, selos, postais, livros antigos e infantis, amostras de madeiras e frutos, esculturas, etc. Destaque-se uma das suas ultimas publicações «Floresta Portuguesa», da colecção Árvores e Florestas de Portugal, distribuída pelo diário “O Publico”.

Finalmente, foi evocado **Mário de Azevedo Gomes**. Foi Professor Catedrático do ISA-UTL e distinguiu-se em diversas áreas de agricultura e florestas e em cargos

públicos, incluído o de Ministro da Agricultura (1923/24). Fez diversos estudos científicos (40 livros e vários artigos técnico-científicos) e um famoso Relatório após exercer o cargo de Ministro. É célebre o seu livro «Silvicultura» base das aulas da respectiva cadeira e a «Monografia do Parque da Pena-Sintra» No ISA, ensinou Biologia Geral, Patologia Vegetal, Botânica, Economia Florestal, História da Agricultura, Mesologia Colonial, Regime Silvo-Pastoril, além da Silvicultura. Foi membro da Sociedade de Ciências Agronómicas (Hoje Agrárias) e colaborou activamente na Revista Agronómica. E conhecida a sua elevada consciência social, integridade pessoal e ficou na memória dos seus alunos a eloquência das suas aulas e os 3-4 dias de estadia na Serra de Sintra, em cada ano. Apresentou ainda «Duas Defesas» em consonância com Bento de Jesus Caraça, em resposta a nota de culpa pelo regime de então que o demitiu (1946) e anos depois o reintegrou.

O primeiro tema foi desenvolvido pelo seu sobrinho neto, Eng. Silvicultor Alberto de Azevedo Gomes que tem exercido a sua actividade com relevância no domínio dos solos florestais e dos problemas da azinheira e do sobreiro. A dissertação versou «A Figura» em que teve ocasião de desenvolver os sub temas: Génese do homem de carácter; o professor formador e pedagogo; o homem de ciência; a figura publica; o humanista e lutador de causas.

No tema «O Professor e Cientista», o Prof. Eng. Silvicultor António Monteiro Alves desenvolveu-o, referindo o seu conhecimento como aluno e depois colega do evocado. Realçou-o como o Grande Professor do Ensino de Silvicultura no nosso País, na 1ª metade do século XX; pela sua formação nos domínios científico, técnico e cultural; pela sua multifacetada carreira académica e técnica nos Serviços Oficiais, política e cultural, destacando-o como uma figura incontornável, a nível nacional.

O palestrante distinguiu-se como Prof. Catedrático do ISA e seu presidente do Conselho Directivo e Científico; Vice-Reitor da Universidade Técnica, presidente do Fundo de Fomento Florestal, membro da Academia de Engenharia e membro conselheiro da Ordem dos Engenheiros. As suas principais áreas de trabalho e bibliografia situam-se na Economia dos Recursos Naturais e na Silvicultura.

O Prof. Fernando Estácio, na sua conferência, versou o tema «Um Estudioso da Serra de Sintra», com ênfase na publicação «A Monografia do Parque da Pena», a

ultima grande obra profissional de Mário de Azevedo Gomes. Ele pretendia contribuir para uma investigação exaustiva do Parque da Pena, capaz de por a descoberto o manancial de conhecimentos de biologia aplicada que o parque encerra, no que considerava um cenário de maravilha. Recorreu, o evocado, a colaborações especializadas, as mais relevantes das quais nos domínios dos estudos pedológicos e dos estudos meteorológicos. Das estadias no parque resultaram relatórios, fotografias, herbários, etc. e seus estudos dendrológicos que foram pioneiros da < Monografia >.

O palestrante é licenciado e Doutor em engenharia agrónomica do ISA-UTL, onde desempenhou funções docentes, desde assistente a professor catedrático. Foi presidente do Conselho Científico do ISA e vogal da Comissão Directiva do Gabinete de Apoio da Universidade Técnica de Lisboa (GAPTEC). Na sua actividade profissional, inclui-se o de eng. Agrónomo, no Plano de Rega do Alentejo, da Direcção dos Serviços Hidráulicos e depois a carreira de investigação no Centro de Estudos de Economia Agrária do Instituto Gulbenkian de Ciências. Colaborou nos trabalhos práticos e estudos que levaram à elaboração da Monografia e frequentemente acompanhou Mário de Azevedo Gomes à caça.

Por fim, a última comunicação foi apresentada pelo Prof. Eugénio Sequeira, sob o título «Acção Cívica e Protecção da Natureza – Mário de Azevedo Gomes, Professor e Mestre». Trata-se de um testemunho pessoal; refere as visitas de alunos a Sintra, onde pernoitavam no velho Hotel Neto. Todas as deslocações eram feitas a pé, desde o hotel à mata, onde o professor conversava e ensinava mirando a árvore ao longe e descrevia os ramos que os alunos colhiam e que levavam para o hotel. Relatou ainda a sua experiência nos encontros pessoais, no combate ao regime de então

O palestrante é engenheiro agrónomo, investigador coordenador aposentado e professor convidado, Conselheiro Nacional da Liga para a Protecção da Natureza; foi ainda Presidente da Assembleia Municipal de Cascais e vereador em três mandatos. É o actual presidente da Liga da Protecção da Natureza. Especialista em solos, exerceu a sua actividade profissional na Estação Agronómica Nacional e foi professor catedrático convidado na Universidade Lusófona, na Escola Universitária Vasco da Gama, na Universidade Nova de Lisboa e na Universidade do Algarve. Tem mais de 400 títulos publicados e fez parte de numerosos grupos de trabalho.

Para fazer parte das Mesas das Sessões foram convidadas diversas entidades, tendo comparecido o Director da Estação Agronómica Nacional, Doutor António Mexia, a Directora do Estabelecimento Prisional de Sintra, Dra. Fátima Corte, a Sub-Directora do Instituto da Conservação da Natureza, Eng. Lurdes Carvalho, o Presidente da Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal, Eng. José Alberto Guerreiro Santos e o Director da Cooperativa Agrícola de Sintra, Eng. Agrícola Jorge Rafael, Mestre em Engenharia Rural que distribuiu uma Monografia sobre «O Cooperativismo e a Agricultura na Região de Sintra».

Não tendo sido enviado nenhum representante do ISA, convidámos, para a mesa, o Sr. Prof. António Monteiro Alves.

A encerrar a Sessão, o Presidente da Mesa da Assembleia-geral da ADPS, Eng. Agrónomo, Ernesto Alves Rafael, fez um resumo das actividades do dia, agradeceu aos oradores e referiu-se ao ambiente e actividades da ADPS. Ernesto Rafael exerceu a sua actividade principal em Sanidade Vegetal, no âmbito de produção, controlo de qualidade, assistência técnica e homologação de produtos, na SAPEC e na Hoechst Portuguesa. Em Angola, foi responsável pela experimentação e fitossanidade do Instituto do Café e depois Chefe de Serviços; foi membro (Secretário) do Conselho Regional da Ordem dos Engenheiros, em Luanda. Dirigiu diversos estágios de Eng. agrónomos e técnicos agrários. Exerceu cargos directivos nas empresas referidas e em Associações Empresariais. Fundou duas cooperativas de ensino e foi presidente de duas associações de pais em Sintra. Foi ainda presidente de A.G. duma Sociedade anónima, durante 19 anos e membro do Conselho Técnico dum organismo público-Direcção Geral da Protecção da Produção Agrícola. É post-graduado em Agronomia Tropical e Protecção Integrada das Culturas Agrícolas.

Ernesto Alves Rafael



A Associação de Defesa do Património de Sintra agradece à Câmara Municipal de Sintra e ao seu Presidente Dr. Fernando Seara, a todos os Oradores, à Sra. Directora do Estabelecimento Prisional de Sintra, Dra. Fátima Corte, à Lic. Cristina Magro, à Sra Dra. Ana Luísa Gomes da Costa, ao Sr. Eng. Paiva e Sousa, ao Sr. Eng. Neiva Vieira, ao dramaturgo Jaime Salazar Sampaio, ao Grupo de Teatro Independente de Loures e a todas as pessoas que nos deram a sua prestimosa ajuda para a realização da Sessão Evocativa de **Tude de Sousa, Vieira Natividade, Baeta Neves e Mário de Azevedo Gomes.**

Sintra 20 de Outubro de 2007

...Águia de Bonelli (Hieraaetus Fasciatus). Nidifica nas Falésias do litoral do Concelho de Sintra, nomeadamente no Cabo da Roca...

MISTÉRIO DAS FLORES DESAPARECIDAS

Tema proposto pela Associação de Defesa do Património de Sintra à Escola E.B. 1/J.I.J. da Tapada das Mercês nº. 2 e realizado por turmas do terceiro e quarto ano de escolaridade do primeiro ciclo do ensino básico.

Os alunos escreveram quatro histórias cujas capas figuram neste boletim. As crianças mostraram-se muito receptivas a este assunto, dado que também elas têm notado procedimentos incorrectos e repetidos, principalmente da parte de adultos, que nos canteiros dos arruamentos têm retirado grandes quantidades de plantas sem qualquer constrangimento.



Os meninos e meninas, que iam sempre ao jardim, viram-no todo destruído e ficaram muito tristes.



O Mistério das Flores Desaparecidas



O Mistério das Flores Desaparecidas

O Mistério

das Flores Desaparecidas



O Mistério das Flores
Desaparecidas



APRECIACÃO DO PROJECTO DE UMA INSTALAÇÃO HOTELEIRA PARA A



*...Águia de Bonelli (*Hieraaetus Fasciatus*). Nidifica nas Falésias do litoral do Concelho de Sintra, nomeadamente no Cabo da Roca...*

Apartado 1017 – Sintra-Vila – 2711-801 SINTRA

<http://www.adps.web.pt>

adpsintra@clix.pt



Em 2006, a ADPS consultou na CMS um projecto em que era proposta a instalação de uma unidade hoteleira na Quinta de Santa Theresa, propriedade situada num local emblemático em S. Pedro de Penaferrim.

A propriedade, com aproximadamente 23.700 m², tem património construído de grande interesse e uma variada vegetação e pertence ao conjunto das quintas históricas de Sintra referidas no PDM e no Plano de Groer.

Para uma melhor compreensão do projecto, a ADPS, contactou o proprietário e propôs uma visita ao local, o que foi prontamente aceite.

Posteriormente tiveram lugar outras visitas em que especialistas consultores da ADPS (Arquitectura, Paisagismo, Agronomia e Engenharia) foram acompanhados pelo arquitecto autor do projecto, o que possibilitou o esclarecimento de diversas questões.

Tendo em vista a conservação da flora existente e uma eficiente drenagem das águas pluviais, foram sugeridas pela ADPS algumas alterações na implantação das novas construções propostas o que implicará uma certa redução do número de quartos previstos.

Também recomendámos que poços e furos sejam integrados no projecto, pois a água é um bem escasso e cada vez mais precioso.



Foi aceite prontamente a plantação de um laranjal e pomar, tal como um horto de aromáticas em vez de pavilhões para outros fins que iriam acentuar a impermeabilização do terreno e em nada contribuiriam para a valorização do local.

Recomendámos que fosse devidamente protegido durante as obras o património edificado existente a integrar na futura unidade hoteleira (incluindo a escadaria principal e outras cantarias bem como a azulejaria).

No seguimento da análise do projecto e das visitas, a ADPS formalizou uma apreciação do projecto tendo elaborado um dossier: "Apreciação do projecto para uma instalação hoteleira para a Quinta de Sta. Theresa". Foram entregues exemplares ao proprietário, ao arquitecto projectista e à Câmara Municipal de Sintra.

As nossas sugestões visaram essencialmente a preservação do Espírito do Lugar - *Genius Loci* - que é próprio da Quinta de Sta. Theresa e que deverá manter-se não obstante o novo uso proposto para a propriedade.

A existência das quintas na sua beleza e complexidade de elementos naturais e construídos, é um valor da maior importância para que Sintra mantenha a sua classificação de Paisagem Cultural da Humanidade.

Quinta de Santa Theresa



Um património natural e construído a reabilitar



FUTURO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DE SINTRA

É incompreensível como foram necessários cerca de 30 anos de diligências para que o valioso espólio de Miguel e Fernanda Barbosa tenha merecido a atenção que conduziu à sua musealização.

Parece agora vislumbrar-se uma luz ao fundo de um túnel de incertezas, estando quase garantida a instalação do Museu de História Natural, no antigo mercado da Vila no Centro Histórico de Sintra.

Miguel Barbosa, escultor, dramaturgo, poeta, pintor, paleontólogo, com uma ligação à natureza fora do comum, empreendeu com sua mulher Fernanda Barbosa, professora, entusiasta entomóloga, colecionadora de arqueologia da pré-história, das civilizações egípcias e greco-romanas, inúmeras jornadas por vários países pesquisando de mochila às costas as várias vertentes a que se dedicaram. Elegeram Sintra como uma desejável localização para o futuro Museu de História Natural com peças de sua pertença com um interesse e raridade reconhecidos pela UNESCO e por vários museus e estudiosos estrangeiros.

Temos a certeza que constituirá uma mais valia para Sintra e para o país, a abertura ao público de um acervo que para além do interesse para os estudiosos das temáticas representadas, terá um papel didático notável.

Obrigada Miguel e Fernanda Barbosa

ADPS

*...Águia de Bonelli (*Hieraaetus Fasciatus*). Nidifica nas Falésias do litoral do Concelho de Sintra, nomeadamente no Cabo da Roca...

<http://www.adps.web.pt>

Apartado 1017 – Sintra-Vila – 2711-801 SINTRA

adpsintra@gmail.com



Miguel e Fernanda Barbosa que durante décadas percorreram os mais variados países em demanda de vestígios pré-históricos, tendo reunido um acervo valioso, com o sonho de que Sintra viesse a acolher as suas colecções, vão ver finalmente concretizado o Museu de História Natural de Sintra.

Peças da colecção pessoal de Miguel
Barbosa, que irão estar patentes ao
público, no Museu de História Natural de
Sintra



Crinoide - Jurássico - Austrália



Amonite – Cretáceo – Marrocos



Trilobite – *Devónico* - Marrocos



Trilobite – *Devónico* - Marrocos



Corno de Bisonte – *Pleistocénico* – Holanda



Amonite – *Jurássico* - Madagascar

2008



21 de Março

2008

DIA MUNDIAL DA ÁRVORE E DA FLORESTA



Grande Maior

Árvore de Sintra, protagonista de uma das obras da escritora Maria Gabriela Llansol

*...Águia de Bonelli (*Hieraaetus Fasciatus*). Nidifica nas Falésias do litoral do Concelho de Sintra, nomeadamente no Cabo da Roca...*

Apartado 1017 – Sintra-Vila – 2711-801 SINTRA

<http://www.adps.web.pt>

adpsintra@clix.pt

O MIRADOURO DA CONDESSA



Fotografia – Fernando Faria

O MIRADOURO DA CONDESSA

Calculo que a senhora D. Maria, condessa do Seisal, dama cuja biografia desconheço mas que terá morado, ao que suponho, numa pitoresca rua ali para os lados da igreja de Santa Maria que ostenta o título da sua família, tivesse por hábito ir sentar-se num dos bancos do vizinho Miradouro da Vigia, porventura a ler Camilo ou Eça, a tomar conta dos netos ou, simplesmente, a contemplar a soberba panorâmica que dali se alcança. Imagino mesmo que a nobre senhora, certamente abastada de posses e mecenas generosa da preservação das coisas belas, tivesse metido ombros ao arranjo do magnífico local. Só assim entenderei por que lhe foi dedicado aquele paradisíaco espaço.

Dessa suposta cumplicidade entre a condessa e o miradouro só pode o amante da natureza sentir-se invejoso, porque o local é mesmo de sonho. E, para curar a invidia, o melhor é fazer como a distinta dama, tirar-se das tamanquinhas e ir até lá, de alma leve, solto das quotidianas preocupações; depois, sentar-se, dar graças ao Criador pelo maravilhoso sentido da vista e olhar em frente, regalar os olhos, desfrutando, desfrutando...

O Miradouro da Vigia – aliás, *“Miradoiro da Condessa do Seisal (D. Maria)”*, como atesta a inscrição gravada no pequeno obelisco colocado logo à entrada – contém em si uma síntese de grandiosidade e singeleza. Grandiosidade, pelo sumptuoso cenário que dele se enfrenta; singeleza, por aquilo que é em si próprio, fisicamente.

Começa, na verdade, o miradouro por impressionar pela sua privilegiada localização e envolveria. Está rodeado de quintas fidalgas, protegidas por pesados portões atrás dos quais se acoitam solares e palacetes, cuja existência mal se adivinha no meio de românticos bosques e jardins. Algumas estão circundadas por muros cobertos de heras e em todas abunda arvoredo opulento e variado. A mais conhecida é, talvez, a Quinta da Vigia, a qual, na qualidade de “vizinha do lado”, garante – espera-se que por muitos e bons anos – a integridade do nosso Miradouro, cuja beleza permite realçar.

O passante que seja sensível ao belo e sinta o fascínio deste recanto único dificilmente resiste a sentar-se num dos quatro bancos de jardim que, resguardados dos excessos climatéricos por duas acolhedoras copas, ali foram colocados, e deixar-se depois possuir de encanto perante o que os seus olhos dali alcançam. Se nenhum problema lhe toldar a alma e estiver livre de afazeres, facilmente se esquecerá do tempo e ficará horas a fio, em contemplação, perscrutando lentamente, metro a metro, a magnífica tela natural que, provocante e voluptuosa, se espraia à sua frente.

É o que faço eu, sempre que posso, desde que, há muitos anos, descobri aquele sítio que é, a meu ver e em toda a Sintra, o melhor local público para a contemplação do Monte da Lua e dos seus dois mais importantes adornos – o Palácio da Pena e o Castelo

dos Mouros. O livro que invariavelmente transporto debaixo do braço raramente chega a ser aberto, porque o deleite da contemplação da natureza acaba por suplantar o prazer da leitura.

Para quem o não conheça, descreverei o Miradouro da Condessa do Seisal como um pequeno jardim de formato triangular construído no acentuado declive que nasce na Rua Rodrigo Delfim Pereira e, ladeado à sua esquerda pelas Escadinhas da Vigia, se estende em cunha em direcção ao grande vale que rasga Sintra desde S. Pedro até à Ribeira. Começa o paradisíaco local com dois pequenos terraços quase geminados, construídos em balcão e de formato semi-circular, protegidos um por um plátano e o outro por uma bétula. São circunscritos por muros rusticamente edificadas e têm, cada um, dois bancos de madeira. Esse será o miradouro propriamente dito. Em frente aos terraços e nos meandros de sinuosos carreiros, escorrem pelo declive, formando um harmonioso mosaico, diversos canteiros de contornos irregulares, preenchidos com flores humildes e arbustos. Dispersos por aqui e por ali, medram exemplares de espécies como aloés, piteiras, zimbriros e cedros, entre outras. Um pequeno muro revestido de heras guarda discretamente todo o harmonioso conjunto.

Como se fosse um colorido lençol cuidadosamente estendido, cobrindo com delicadeza cada relevo e cada concavidade, o jardimzinho desce pela encosta e com ela se vai angustiaando pouco a pouco, até se confundir com a vetusta escadaria de pedra que, em exigentes degraus, conduz o visitante ao Largo de Sousa Brandão, através de uma pitoresca calçada.

Como o bom néctar se deve saborear em pequenos tragos e sem pressas, convém que, depois de instalado, o observador sorva lentamente cada pormenor das numerosas belezas que aí se lhe expõem. Deverá, pois, começar por deixar-se surpreender por detalhes tão preciosos como as mil tonalidades da vegetação, os telhados que, aqui e além e como se surgissem do nada, irrompem do manto verde constituído pelas copas do arvoredo, ou o campanário da Igreja de Santa Maria que o casario antigo envolve como se fosse um relicário... Só depois de degustado tão precioso e variado aperitivo se deverá erguer o olhar, percorrendo, sem pressas, a íngreme vertente em direcção ao cume, onde moram duas jóias: à direita, o rendilhado sinuoso do Castelo dos Mouros, meio engastado no fraguado; à esquerda, coroando o pico mais alto da serra, a pérola romântica que é o Palácio da Pena. E se, por feliz acaso, por ali vadiar algum dos muitos melros que povoam os bosques de Sintra, ainda contará o felizardo observador com uma celestial banda sonora



Homenagem ao Professor Mário de Azevedo Gomes



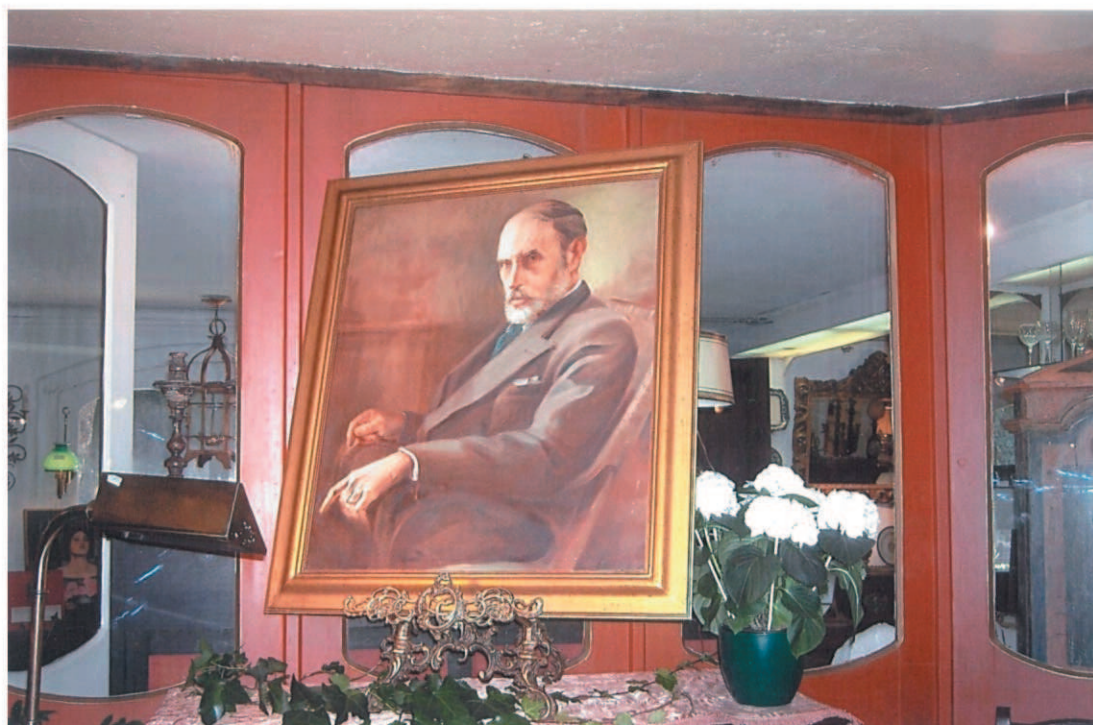
Fotografia da família Azevedo Gomes a 5 de Junho de 2008, no Jardim da Vigia em S. Pedro de Penaferrim, durante a cerimónia de descerramento das placas (oferta da ADPS) em memória do Prof. Mário de Azevedo Gomes, promovida por esta Associação.

Em primeiro plano, o Eng. João Paulo Chambica de Azevedo Gomes filho do homenageado.

Este evento antecedeu a sessão solene na Galeria Real, o beberete e a apresentação pela CMS de uma edição em fac-simile da obra do homenageado: "A utilidade das árvores". Foi inaugurada após a sessão solene, uma exposição acerca da vida e obra do Professor Azevedo Gomes que esteve patente ao publico de 5 a 29 de Junho.



Galeria Real



Exposição – Prof. Mário de Azevedo Gomes – Galeria Real



Da esquerda para a direita: Eng. Ernesto Rafael, Prof. Monteiro Alves, Eng. João Paulo Azevedo Gomes, Fernando Cunha, Prof. Ário de Azevedo e Eng. Neiva Vieira.

Sessão Solene – Mesa de Honra – Orador – Eng. Ário de Azevedo



Da esquerda para a direita: Eng. Ernesto Rafael, Prof. Monteiro Alves, Eng. João Paulo Azevedo Gomes, Dr. Fernando Seara, Dr. Marco Almeida e Eng. Neiva Vieira.

Sessão Solene – Mesa de Honra – Orador – Dr. Fernando Seara



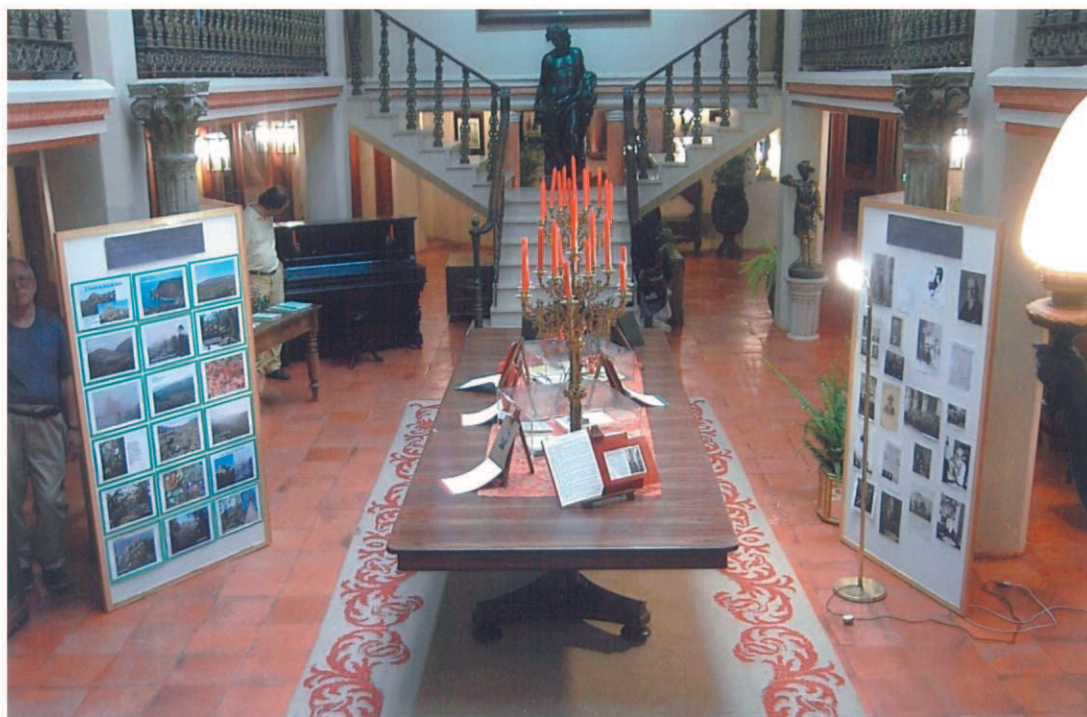
Da esquerda para a direita: Eng. Ernesto Rafael, Prof. Monteiro Alves e Fernando Cunha.

Sessão Solene – Mesa de Honra – Orador – Eng. João Paulo de Azevedo Gomes



Da esquerda para a direita: Eng. Ernesto Rafael, Prof. Monteiro Alves, Dr. João Soares, Dr. Fernando Seara e Eng. Neiva Vieira.

Sessão Solene – Mesa de Honra – Orador – Dr. João Soares



Exposição – Prof. Mário de Azevedo Gomes – Galeria Real

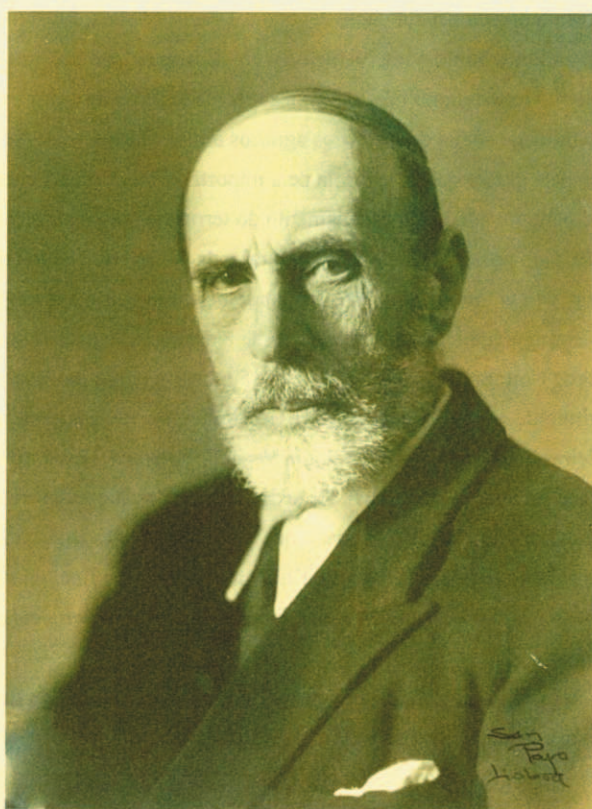


Aspectos da assistência durante a Sessão Solene



Exposição – Prof. Mário de Azevedo Gomes – Galeria Real

**HOMENAGEM
AO
PROF. MÁRIO DE AZEVEDO GOMES
1885-1965**



mestre da ciência florestal, político emérito, cidadão exemplar

EXPOSIÇÃO

Galeria Real
São Pedro de Penaferrim

5 a 29 de Junho de 2008

NOTA BIOGRÁFICA

Mário de Azevedo Gomes (1885-1965)

Mestre da ciência florestal, político emérito, cidadão exemplar e grande amigo de Sintra.

Homem de ideias, de coragem e de frontalidade, devotado à causa pública, foi simultaneamente um agrónomo e um silvicultor distinto e interveniente e um Mestre na arte de transmitir saber, pelo seu elevado poder de comunicação tanto falado e pela capacidade de sensibilizar os seus alunos para a enorme responsabilidade social dos técnicos agrários universitários.

Foi um batalhador num país que se queria agrícola pela importância da floresta como solução para os nossos solos pobres, para um adequado ordenamento do território para a correcção da torrencialidade e erosão, para preservação do meio natural e da paisagem. Natural da Ilha Terceira, Açores, concluiu o curso de agronomia em 1907, iniciando pouco depois a sua longa colaboração no ensino agronómico como preparador do Laboratório de Nosologia Vegetal, do qual transitou para a Escola Nacional de Coimbra. A partir de 1914-1915 ingressa como professor da cadeira de Biologia Geral no Instituto de Agronomia de que fica titular durante 40 anos. Assumiu ainda a regência de outras cadeiras, Biologia Geral, Patologia Vegetal, Botânica, Economia Florestal, História da Agricultura e Regime Silvopastoril. Os seus alunos recordam todos com saudade as aulas e exames de Silvicultura no Parque da Pena, a que esteve ligado desde a sua infância e juventude em contacto com a sua avó, a Condessa d'Edla até ao trabalho final da sua vida profissional (1960 - Monografia do Parque da Pena - Parque da Pena). Desempenhou além do ensino, cargos públicos

de maior relevância: Chefe de Repartição do Ensino Agrícola, Director Geral do Ensino Agrícola, Director Geral do Ensino e Fomento no Ministério da Agricultura; foi vogal do Conselho Técnico Florestal, Conselho Técnico de Meteorologia, Conselho Técnico Aduaneiro e Conselho Técnico Superior de Agricultura; foi ainda por curto período Ministro da Agricultura e integrou durante muitos anos a revista Seara Nova de que foi director.

Foi figura destacada da oposição democrática.

Publicou cerca de 40 livros metade dos quais relativos à silvicultura e numerosos artigos de jornais e revistas da especialidade e ainda artigos na imprensa diária de temas de interesse nacional.

Destaco, pela sua importância florestal, as Lições de Silvicultura, Estudos Dendrológicos e a Monografia do Parque da Pena.

Eng. Neiva Vieira

ROTEIRO DE EXPOSIÇÃO

1 - Quadro a óleo do homenageado da autoria do pintor algarvio Samora Barros.

2 - Conjunto de seis painéis sobre a vida e obra do professor Mário de Azevedo Gomes através dos seus escritos e das homenagens que lhe foram prestadas.

3 - Conjunto de dois painéis sobre a Serra de Sintra que tão grande importância teve na sua vida pessoal e profissional.

4 - Vitrine contendo diversos objectos pessoais.

5 - Vitrine com originais de alguns trabalhos que publicou.

6 - Conjunto de quinze tripés com excertos de textos sobre o Professor Mário Azevedo Gomes.

7 - Duas caixas vitrine com bibliografia.

A VEGETAÇÃO DA SERRA DE SINTRA

A Serra de Sintra, elevando-se junto ao litoral, beneficia de um clima muito temperado e húmido que, aliado à natureza eruptiva do solo, lhe dão excelentes condições para o desenvolvimento de um exuberante manto vegetal.

Rica em espécies atlânticas e mediterrânicas, os seus bosques marcam a transição entre a vegetação do norte e do sul do país, conservando ainda interessantes vestígios do seu coberto natural primitivo. Nela está reconhecida a existência de 901 espécies autóctones, das quais 7 são endemismos locais.

A introdução de plantas exóticas terá começado no Séc. XVI, com as descobertas marítimas, e intensificou-se durante o romantismo com a construção de jardins e de parques paisagísticos.

São particularmente notáveis o Parque da Pena que o Prof. Mário de Azevedo Gomes tão bem descreveu na sua Monografia e o de Monserrate, nos quais foram introduzidas centenas de espécies provenientes das mais diversas partes do mundo, que estão agrupadas consoante a família ou o género, ou por origem geográfica, reconstituindo paisagens e ambientes de países distantes, em perfeita harmonia e integração com o meio envolvente e a vegetação autóctone, criando a ilusão de fazerem parte da sua própria natureza.

A extraordinária diversidade da vegetação da Serra de Sintra onde, lado a lado, se encontram plantas das mais diversas origens, desde as dos climas frios, às dos desertos e regiões tropicais, confere-lhe um alto valor cultural e científico e um carácter único no panorama geográfico, paisagístico e florestal português.

Rui Queirós
(Eng.º Silvicultor)

Associação de Defesa do Património de Sintra

Agradecimentos

Câmara Municipal de Sintra
Junta de Freguesia de S. Pedro de Penaferrim
Galeria Real



LUGAR À POESIA

A ADPS abre um espaço para a divulgação de obras de temática sintrense.



José Salvado nasceu em 1928, na freguesia do Alcaide, Cova da Beira. Foi nesse vale fértil de cerejais que frequentou a escola da aldeia. Nesses campos, guiando bois e arado em terras que deram trigo, entre outros ofícios rurais, passou a juventude em activa comunhão com a Natureza. Foi funcionário dos CTT, na Amadora, onde reside e é estimado, sobretudo por aqueles que o conheceram ainda como carteiro. Há alguns anos aposentado, passou a dedicar mais tempo à horta e ao pomar e, quando a lavoura lhe dá folga, não perde uma oportunidade para percorrer o país, destino preferencial das suas viagens de lazer, em que tudo aquilo que o sensibiliza lhe serve de

pretexto para escrever em verso. Muitos dos seus versos foram publicados na secção de poesia do *Jornal da Amadora*.

A SERRA DE SINTRA

Se fores à Serra de Sintra
Leva tempo e paciência
Para que nunca ela sinta
De ninguém a ausência

Leva todo o teu carinho
Que tiveres no coração
Não deixes pelo caminho
Belezas que nela estão

Pisa as flores com cuidado
Flores que o vento faz cair
Repara que por todo o lado
Outras mais irão abrir

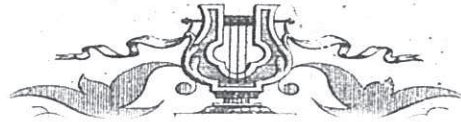
Sobe ao seu ponto mais alto
Onde mora a fortaleza
E vê bem daquele palco
Toda a infinita beleza

Sente o vento e a frescura
Que de todo o lado vem
Repara bem na ternura
Que esta *linda serra* tem

Sobe ao Palácio Real
Mais conhecido por Pena
Que foi morada senhorial
Nesta serra tão amena

Quando partires, irás sentir
Saudade que qualquer sente
Não a voltando a subir
Não a terás por ausente

José Salvado



A VERDE SINTRA

Sintra verde sempre viçosa
Vila amiga muito generosa
Não queiras de vila passar
Não queiras a cidade chegar

A tua beleza não deixes morrer
Nem a tua boa arquitectura
Com o encanto que perdura
Deixa-me para sempre te ver

Sintra do Castelo, da Pena,
Da verde rama que cresce
Na linda serra doce e amena
Onde a beleza não empobrece

Sintra dos palácios antigos
Das árvores que sombras dão
Nos socacos sob elas escondidos
Parecem mesmo nascidos do chão

Sintra de sonhos sonhados
Pelos teus caminhos cruzados
Turistas que bem te querem
Beijar-te todos preferem

Sintra repleta de encantos
Altos e baixos calados
Pela Natureza criados
Teus dotes vários e tantos

José Salvado



A convite da Direcção da Escola E.B.1 / J.I. da Tapada das Mercês nº. 2, a ADPS, dinamizou uma sessão de poesia dedicada ao património arbóreo, que interessou vivamente os alunos e professores presentes.



Apartado 1017 – Sintra-Vila – 2711-801 SINTRA
<http://www.adps.web.pt> – adpsintra@clix.pt